

## UM POUCO DE ÁFRICA NAS POESIAS DE ANTÓNIO JACINTO E EM ESPAÇOS MIDIÁTICOS BRASILEIROS

Fernanda Evelyne da Conceição Silva Cardoso<sup>1</sup>  
Maria de Fátima Maia Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** *O texto intitulado UM POUCO DE ÁFRICA NAS POESIAS DE ANTÓNIO JACINTO E EM ESPAÇOS MIDIÁTICOS BRASILEIROS examina as imagens construídas para Angola e para o homem africano na obra Poemas, de António Jacinto, integrante da Biblioteca de Literatura Angolana (Maianga, 2004), examinando os processos discursivos de subjetivação mediante paralelos com as imagens produzidas ou disseminadas pela mídia televisiva e impressa brasileira, através da Rede Globo e do jornal A Tarde (Ba). Mediante cotejo, as questões levantadas são relacionadas a entornos sócio-político-econômicos e culturais dos países em tela. Avalia-se ainda o papel do escritor angolano António Jacinto e a razão da inclusão do seu nome e obra na coleção “Biblioteca de Literatura Angolana”.*

**Palavras-chave:** África; Jacinto; Comparada

Este trabalho é resultante de pesquisa voluntária desenvolvida entre 2005 e 2007, tendo por temática imagens de África e do homem africano construídas em discursos angolanos e brasileiros. Está vinculado ao projeto da prof<sup>a</sup> Maria de Fátima Maia Ribeiro (ILUFBA), o qual está voltado para a avaliação da coleção editorial Biblioteca de Literatura Angolana, publicada pela Maianga Produções Culturais, empresa com sede em Angola e Brasil. Dentre os 26 escritores e as 24 obras que compõem a coleção, selecionei o livro *Poemas* do escritor António Jacinto, sendo essa a obra literária nuclear da pesquisa que intitulei: “Imagens de África e do homem africano em discursos angolanos e brasileiros: António Jacinto e mídia no Brasil.”

De acordo com a “Biografia” do volume da Maianga, o luandense António Jacinto, nascido em 1924, foi militante político ativo, participante do movimento “Novos Intelectuais em Angola” e um dos fundadores do Partido Comunista Angolano (1955). Foi preso duas vezes e exilado em Cabo Verde. Em 1972 passa a morar em Lisboa, provavelmente obrigado pela PIDE – a polícia política do salazarismo – e, da então metrópole, fugiu para se juntar à guerrilha do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola. Depois da independência, foi ministro da Educação e da Cultura e membro fundador da União dos Escritores Angolanos. Morreu em Lisboa, em 1991.

O seu livro *Poemas* contém 14 escritos poéticos que exploram as problemáticas relacionadas com a África e o homem africano em textos produzidos em 1950-1953. É imprescindível atentar para o fato de que parte de literatura angolana, por conta da dominação colonial, está atrelada a um projeto de libertação política, enquanto outras manifestações buscam um viés universalista. No entanto, o universo ficcional é perpassado fortemente pelo mundo histórico-social, de maneira que, no mais das vezes, se faz inviável a separação dessas realidades. António Jacinto tratará do passado de modo ambivalente e, até certo ponto, ambíguo,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, vinculada ao Projeto de Pesquisa Literatura Angolana. [heiderichlyne@yahoo.com.br](mailto:heiderichlyne@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Orientadora, Professora do Curso de Letras Vernáculas da UFBA. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Literatura Angolana. [fatimari@ufba.br](mailto:fatimari@ufba.br).

o que permite ao leitor iniciante estabelecer associações entre temas abordados e o quadro político reinante, aventando, em determinados casos, uma crítica velada ao colonialismo.

Um bom exemplo é o poema “O grande desafio”, o qual inicia com lembranças – talvez saudosistas – da infância e dos amigos, companheiros de aventura. O passado e o presente alternam entre si, realçando o contraste: retratação positiva e negativa do tempo pretérito já marcado por elementos colonialistas, ao passo que o presente evoca a presença do colonizador em território africano e as conseqüências dessa ocupação. Cito fragmentos do poema:

Naquele tempo  
a gente punha despreocupadamente os livros no chão  
ali mesmo naquele largo – areal batido de caminhos passados  
os mesmos trilhos de escravidões  
onde hoje passa a avenida luminosamente grande  
e com uma bola de meia  
bem forrada de rede  
bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves  
[...]

... a gente fazia um desafio... Nesse trecho, encontramos a expressão “trilhos de escravidões” veiculada ao pretérito – “Naquele tempo” –, o que indica que não há uma referência exclusivamente positiva acerca do passado, pois os condutores da colonização já estavam fixados na terra. Voltando-se para o presente, nos versos seguintes, “a avenida luminosamente grande” sugere idéia de progresso, o qual se fez por via dos “trilhos de escravidões”. Pontua-se, assim, de maneira sutilmente irônica, a coexistência de contrários. O vocábulo “desafio” é recorrente em todo o poema. Elementos como “bola de meia”, “capitão”, “guarda-redes”, “finta” aparecerão ao longo do texto, dando a entender que o desafio se trata de uma partida, um jogo de futebol, mas admite outras leituras que apontam para outro(s) desafio(s) em jogo.

No mesmo poema, os grandes amigos de infância, que jogavam bola juntos, perderam o contato e afinidades, a ponto de não se reconhecerem mais, e não apenas por uma questão de distância temporal:

O Antoninho era o capitão  
Filho desse senhor Moreira da taberna  
E nos chamava de ó pá,  
agora virou doutor  
(cajinjeiro como nos tempos antigos)  
passa, passa que nem cumprimenta  
– doutor não conhece preto da escola.

Aqui percebe-se o tratamento dado ao negro, em contraposição a uma condição de *status* – “doutor”, associado ao elemento branco. Em Angola, costumava chegar a doutor quem pertencesse às elites brancas européias. Ao lado do capitão do time, aparece Zeca que estabelecerá uma outra relação com o Musseque, bairro popular, onde provavelmente acontecia o jogo.

O Zeca era guarda-redes  
(pópilas, era cada mergulho!)  
Aí rapaje – gritava em delírio a garotada)

Hoje joga num clube da Baixa  
Já foi a Moçambique e no Congo  
Dizem que ele vai ir em Lisboa  
Já não vem no Musseque

[...]  
Mas eu lembro o Zeca pequenino  
o nosso saudoso guarda-redes !

O goleiro Zeca tornou-se um jogador provavelmente importante. O verso “Dizem que ele vai ir em Lisboa” evoca uma certa condição de prestígio, ao passo que “Já não vem no Musseque” demonstra que o personagem ignora a sua suposta origem, ou o lugar de conagração da infância.

Os demais personagens passam por uma evocação afetiva similar, incluindo a *persona* poética.

Tinha também  
tinha também o Velhinho, o Mascote, o Kamauindo...  
[...]  
.....  
Oh, como eu gostava!  
Eu gostava qualquer dia  
de voltar a fazer medição com o Zeca  
o guarda-redes da Baixa que não conhece mais a gente  
escolhia o Velhinho, o Mascote, o Kamauindo , o Zé,  
o Venâncio, e o Antoninho até  
e íamos fazer um desafio como antigamente!  
Ah., como eu gostava...

Lembranças do passado são atreladas a um desejo de retomada no presente: “Eu gostava qualquer dia de voltar a fazer” e “fazer um desafio como antigamente”.

O texto prossegue:

Mas talvez um dia  
[...]  
quando todos os que isoladamente padecemos  
nos encontrarmos iguais como antigamente  
talvez a gente ponha  
as dores, as humilhações, os medos  
desesperadamente no chão  
no largo – areal batido de caminhos passados  
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças  
vamos então fazer um grande desafio...( JACINTO,2004, p.47-50 )

O poema finaliza com uma projeção a um futuro esperançoso, porém sem tanta convicção – o que é indicado pela repetição do advérbio “talvez”: “ talvez um dia”, “talvez a gente ponha”. A expressão “isoladamente padecemos”, ressalta, por oposição, a condição vital da coletividade, visto que sozinhos enfraquecem-se no sofrimento. Também é importante lembrar que, “Naquele tempo” de infância, o que eles traziam para pôr despreocupadamente no chão eram os

livros, porém, hoje o que eles carregam são os signos marcados pela opressão: “dores”, “humilhações” e “medos”, para serem colocados também no chão, agora “desesperadamente”, em contraponto com a despreocupação de antes.

Idéias como garra, habilidade, superação de adversários, equipe, coletividade, estão materializadas na figura do futebol, o qual era a brincadeira, o lúdico, o desafio da infância. Contudo, o grande desafio poderia ser, de fato, restabelecer o elo de companheirismo para partilhar os valores que vigoravam no passado, em uma partida obrigatória que extrapola os campos do lazer, para se tornar um grande jogo de sobrevivência.

O nacionalismo expresso na poesia de Jacinto ganha admiração entre os escritores africanos. Um exemplo disso é a fala do escritor angolano Arlindo Barbeitos ( LABAN, 1991, p.600 ), que ao se referir ao poema citado, ressalta: “Quando li esse poema, fui-me recordando dos grandes desafios em que participei. O poema fez-me pensar na alternativa melhor que Angola também transportava consigo.”

Um segundo poema de Jacinto, intitulado “Era uma vez...”, já pelo título retoma as tradições orais africanas e a arte de contar histórias. Cito fragmento do poema:

Vovô Bartolomé, ao sol que se coava da mulembeira  
Por sobre a entrada da casa de chapa  
enlanguescido em carcomida cadeira  
vivia  
– relembrando-a –  
A história da Tereza mulata[...] ( JACINTO,2004, p.33-34 )

E assim, vovô Bartolomé conta a história da Tereza mulata. O ritual de contar histórias é uma tradição africana que envolve diversos elementos tais como os gestos, o cenário, o contador. Eles se combinam, se harmonizam para dar vida ao texto oral. Em diversos textos, um outro escritor angolano, Manuel Rui, (MONTEIRO, 1987) chama atenção para a forte presença e para a importância da oralidade na construção dos mundos africanos.

Quando chegaste mais velhos contavam histórias. Tudo estava no seu lugar. A água, o som. A luz. Nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvore, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto.

Atento para isso, nos anos 1940, António Jacinto faz uma pesquisa sobre as literaturas orais angolanas. Seu aprendizado é refletido em seus poemas, não só como tema deles, mas também na estrutura. Assim, algumas de “suas poesias” adquirem um certo tom de prosa. Estabelecendo um paralelo com as imagens poéticas na obra de António Jacinto, minha pesquisa propõe examinar também as imagens construídas para Angola e para o homem africano veiculadas na mídia brasileira televisiva e/ou impressa.

Ao se tratar de África na mídia brasileira, parte-se da constatação de carência de informações sobre o continente africano no Brasil, dividindo atenção com o imaginário mítico brasileiro acerca deste território. A pesquisa dispõe de dois meses de recolha e análise das notícias veiculadas no jornal *A Tarde* (outubro e novembro de 2006). Essa análise aponta como resultado um continente africano homogeneizado, abordado na sua grande maioria em temas que rodam em torno de violência, doenças e fome. Além disso, a própria dimensão continental fica

comprometida. Isso pode ser verificado nas notícias em que países são comparados ao continente africano. A África passa a figurar como um território unificado e seus países, desprovidos de singularidades e de pluralidades. Deslocando-se um pouco da esfera impressa e local, a pesquisa também analisou algumas imagens de África e do homem africano veiculadas na *Rede Globo*, no período da pesquisa. Consoante a análise anterior, a África continua a ser abordada em temas como pobreza e doenças. Somado a isso, ainda há comparações feitas dos territórios africanos com o Brasil, sugerindo que ambos os espaços compartilham de uma mesma realidade. Essa ausência de dados ao lado de recortes já estereotipados produz uma outra realidade, a qual suponho ser um discurso tão ficcional quanto os poemas de António Jacinto, sendo essa também uma outra questão da pesquisa.

É importante destacar a pretensão do projeto em estabelecer diálogos entre a cultura angolana e brasileira, ampliando a possibilidade do enfoque sobre o tema. Inclusive porque o que me levou a interessar-me inicialmente pelas literaturas africanas foi a ilusão de que as realidades brasileira e africanas eram as mesmas. Em palestra realizada na UFBA em setembro de 2005, o sociólogo moçambicano José Luis Cabaço alertou: “Geralmente lê-se romances africanos como se fossem brasileiros, mas não são”. O equívoco é causado pelo fato de os romances africanos possuírem uma matriz de língua portuguesa. Contudo, é preciso, de fato, levar em conta as diferenças, que, por sua vez, não se restringem apenas à língua. Ao tratar desse tópico, lembro de uma passagem do livro *O último voo do flamingo*, romance do escritor moçambicano Mia Couto (2000, p.42), no qual é narrada uma conversa entre um europeu enviado a África e um moçambicano incubido de ser o seu tradutor, e em resposta a personagem italiana declara: “– Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que não entendo é esse mundo daqui”.

Ainda é questão da pesquisa analisar o papel de António Jacinto no cenário cultural angolano, através da biografia e da fortuna crítica desse escritor, para o qual o livro *Poemas* tornou-se uma amostragem. Do ponto de vista editorial, além dos textos de “Apresentação” e da Biografia, comuns a todos os volumes da coleção, há um prefácio assinado pelo escritor Costa Andrade e, apesar de Jacinto usar inúmeras palavras das línguas tradicionais africanas, o glossário que acompanha determinados livros da coleção acaba sendo dispensado.

Nesse âmbito, levantei alguns questionamentos: dentre o vasto campo de literatura angolana, quais os critérios utilizados para eleger esse “selecto naipe” – expressão do editor – de 26 escritores? Quais o(s) sentido(s) e a importância da inclusão da obra de António Jacinto na coleção “Biblioteca de Literatura Angolana”? Em encontro realizado em janeiro de 2007 com o coordenador geral do projeto editorial, o escritor angolano Mena Abrantes, algumas dessas questões foram exploradas. De acordo com Mena, a seleção dos escritores que compõem a coleção que saiu a lume seria apenas a primeira de três, havendo outros escritores que seriam publicados em outras edições. A pretensão era de que a coleção continuasse, contudo, por motivos não tão claros, a Maianga decidiu não o fazer. Quando perguntei a Mena Abrantes porque o António Jacinto havia entrado na coleção, ele respondeu que Jacinto era uma figura muito importante, pois, próximo à independência de Angola (1975), não havia, dentre os estudantes, quem não tivesse ou conhecesse um poema dele. Além disso, Mena afirma que os poemas jacintianos traziam um forte sentimento de nacionalidade. Era impossível deixá-lo de fora. Em relação às edições Maianga, ainda é preocupação de minha pesquisa verificar uma possível alteração no corpo dos poemas, já que o livro do próprio coordenador Mena Abrantes, segundo ele, foi alterado. Para que isso seja observado, estou tentando ter acesso a outras edições dos poemas de Jacinto.

Um dos grandes objetivos dessa comunicação foi convidá-los a conhecer esses universos africanos apaixonantes e diferentes do nosso, para que possam experimentar, conforme diz o próprio Jacinto (2004, p.13), como “um pouco de poesia” pode “ilimitar todo o presente”.

## REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. 2.ed. Lisboa: Caminho, 2000.

JACINTO, António. *Poemas*. Luanda: Edições Maianga, 2004. (Biblioteca de Literatura Angolana).

LABAN, Michel. *Angola: encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. 2v., v.2, p.493-925.

MONTEIRO, Manuel Rui. Eu e o outro – o invasor (ou em três poucas linhas uma maneira de pensar o texto). In: MEDINA, Cremilda. *Sonha, mammana África*. São Paulo: Epopéia, 1987.